

Jornalismo periférico: por uma práxis decolonial e antirracista¹

Peripheral journalism: towards a decolonial and anti-racist praxis

Periodismo periférico: hacia una praxis decolonial y antirracista

Edilaine Heleodoro Felix

Universidade de São Paulo (ECA-USP)

<efelix@usp.br>

Resumo

Este artigo apresenta uma análise de projetos de jornalismo periférico localizados na cidade de São Paulo, que funcionam como agências, coletivos, laboratórios. A proposta inicial é identificar a contribuição desses projetos periféricos de jornalismo no fornecimento de uma maior diversidade de temas e práticas jornalísticas, bem como na construção de narrativas mais adequadas às realidades das periferias. Após levantamentos preliminares e a adoção de conceitos de jornalismo e decolonialidade, é possível destacar algumas iniciativas periféricas relevantes, como a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Énois, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império e Periferia em Movimento, que estão em busca de um jornalismo antirracista e decolonial.

Palavras-chave: Jornalismo. Periferias. Antirracista. Decolonial. Projetos Jornalísticos.

Abstract

This article presents an analysis of peripheral journalism projects located in the city of São Paulo, what function as agencies, collectives, laboratories. The initial proposal is to identify the contribution of these peripheral journalism projects in providing a greater diversity of journalistic themes and practices, as well as in the construction of narratives that are more adapted to the realities of the peripheries. After preliminary surveys and the adoption of concepts of journalism and decoloniality, it is possible to highlight some relevant peripheral initiatives, such as Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Énois, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império and Periferia em Movimento, that are in search of an antiracist and decolonial journalism.

Keywords: Journalism. Peripheries. Antiracist. Dcolonial. Journalism Projects

Resumen

Este artículo presenta un análisis de proyectos periodísticos periféricos ubicados en la ciudad de São Paulo, que funcionan como agencias, colectivos, laboratorios. El objetivo inicial es identificar la contribución de estos proyectos de periodismo periférico en la provisión de una mayor diversidad de temas y prácticas periodísticas, así como en la construcción de narrativas más adecuadas a las realidades de las periferias. Después de levantamientos preliminares y la adopción de conceptos de periodismo y decolonialidad, es posible destacar algunas iniciativas periféricas relevantes, como Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Énois, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império y Periferia em Movimento, que están en búsqueda de un periodismo antirracista y decolonial.

Palavras clave: Periodismo. Periferias. Antirracista. Decolonial. Proyectos Periferico.

¹ Versão revista, atualizada e ampliada do texto "Coletivos periféricos de jornalismo: por um jornalismo decolonial e antirracista" apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação e publicado nos **Anais do Intercom 2022**. Disponível em: <https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2022/listaGP.php?gp=2>.

Introdução

No livro **A saga dos cães perdidos**, Ciro Marcondes Filho argumenta que “o jornalismo é uma atividade múltipla”, que se expandiu a partir da luta pelos direitos humanos e que está associado à “desconstrução” do poder institucional da Igreja e da Universidade. Contudo, nos dias atuais, o jornalismo enfrenta o desafio da credibilidade, que é impulsionado pelas redes sociais, e deparamos com estratégias pela notícia. Dentre as diversas perspectivas e potencialidades para o jornalismo, destaca-se o jornalismo periférico baseado em vínculos comunitários e experiências de resistência política contra as opressões sociais que ocorrem nas periferias.

O jornalismo chamado aqui de periférico surge como uma resposta à prática jornalística adotada pela mídia hegemônica, que tende a reforçar o sistema de dominação e reproduzir perspectivas que favorecem os interesses dominantes. Por meio de formatos como coletivos, oficinas e agências de notícias, o jornalismo periférico busca produzir e divulgar notícias mais comprometidas com as realidades das periferias. Essas iniciativas representam uma abordagem alternativa, engajada e situada, que visa amplificar as vozes e as perspectivas marginalizadas, desafiando a visão predominante da mídia hegemônica.

Considerando o ambiente periférico, o território, as pessoas, as questões étnico-raciais, de gênero, têm-se identificado pesquisas e estudos que mostram quem

são e quantos são esses projetos. Dentre os mais recentes, de 2023, destaca-se o *Mapa do Jornalismo Local*, conduzido pela Ênois Laboratório de Jornalismo, com o propósito de identificar iniciativas de jornalismo cultural nos bairros com menor cobertura mediática. Na primeira fase do mapeamento, feito em 2021, foram identificadas 470 iniciativas de comunicação nas 39 cidades da Região Metropolitana de São Paulo e capital². O levantamento mostra que, em 93% das cidades, há três ou mais iniciativas de comunicação em atividade. E que, das 140 iniciativas mapeadas, 99 são conduzidas por jornalistas formados (43%). A outra parte (41) é dividida entre comunicadores populares (27%), lideranças comunitárias (11%), ativistas (10%), estudantes de jornalismo (5%) e outros (3%).

São iniciativas que estão, em grande parte, em zonas periféricas das cidades e que, por sua vez, também apresentam menor acesso a direitos básicos e políticas públicas que atendam às demandas locais. O livro *Solos Culturais*, projeto do Observatório de Favelas, realizou um estudo que lançou um olhar cultural sobre cinco favelas do Rio de Janeiro. Para entender essas identidades e trabalhar com a memória desse território, eles afirmam que “as favelas não são homogêneas”, enfatizando que elas “são plurais em suas histórias e geografias de estar e ser a cidade” e que “não é possível persistir com tratamentos simplificadores desses territórios e de seus moradores. [...]” (2013).

2 Caieiras, Cajamar, Francisco Morato, Franco da Rocha e Mairiporã (norte); Arujá, Biritiba-Mirim, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Guarulhos, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes, Poá, Salesópolis, Santa Isabel e Suzano (leste); Diadema, Mauá, Ribeirão Pires, Rio Grande da Serra, Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano do Sul (sudeste); Cotia, Embu das Artes, Embu-Guaçu, Itapeverica da Serra, Juquitiba, São Lourenço da Serra, Taboão da Serra e Vargem Grande Paulista (sudoeste); Barueri, Carapicuíba, Itapevi, Jandira, Osasco, Pirapora do Bom Jesus e Santana de Parnaíba (oeste).

A divisão territorial da cidade de São Paulo, que abrange elementos geográficos, culturais e simbólicos, desempenha um papel significativo na identificação dos jornalistas periféricos. Esses profissionais utilizam esses elementos para direcionar suas experiências profissionais e contextuais em suas áreas de atuação.

Favela é lugar de resistência e tem de ser elaborado na prática jornalística, por meio de fontes da periferia e de “histórias da favela”, ou seja, “histórias que reforcem o poder da favela financeiramente, culturalmente, que inspirem outras pessoas, contem casos de vitória que alguém da favela teve. (NONATO; CAMARGO; PACHI FILHO, 2020, p. 13).

O fazer jornalismo nas e para as periferias considera todo o ambiente periférico, identificando o local, as pessoas, as questões étnico-raciais e de gênero. A realidade de transformação do trabalho jornalístico inclui redes de colaboração diversas, multiplicidade de linguagem e de equipamentos para produção e circulação de informação. De acordo com Mara Rovida (2018), a periferia é dinâmica e plural, é território ocupado com subdivisões e organizações internas que se diferenciam entre si e tornam o espaço diverso e complexo. “Longe de ser, portanto, um contínuo homogêneo, as periferias se apresentam como espaço de identidades variadas e de vínculos sociais estabelecidos por relações duradouras” (ROVIDA, 2018, p. 14).

No artigo *As periferias pelos periféricos – em busca de uma outra narrativa*, citando Carvalho e Bronosky (2017), a autora destaca que

a diferença entre o jornalismo produzido pela mídia hegemônica e o alternativo não são o modo de fazer ou as técnicas produtivas. Na verdade, essa parte, na visão dos autores, é por vezes similar. A distinção se dá pela hierarquização das informações e pela presença de vozes ou fontes. “Tais escolhas passam pelo compromisso público assumido pelos produtores do jornalismo alternativo cujo objetivo é apresentar aquilo que é omitido pela imprensa tradicional” (2018, p. 6).

Decolonialidade e a representatividade no jornalismo

No texto **Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina**, Anibal Quijano diz que, na América, a ideia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista. Desse modo, os povos conquistados (negros, indígenas) e dominados foram postos numa situação natural de inferioridade. Isso quer dizer que a colonialidade do poder baseada na imposição da ideia de raça como instrumento de dominação foi sempre um fator limitante dos processos de construção do Estado-Nação baseados no modelo eurocêntrico, seja em menor medida como no caso estadunidense ou de modo decisivo como no da América Latina. O grau atual de limitação depende, segundo Quijano, da proporção das raças colonizadas dentro da população total e da densidade de suas instituições sociais e culturais.

Segundo o autor, “raça converteu-se no primeiro critério fundamental para a distribuição da população mundial nos níveis, lugares e papéis na estrutura de poder da nova sociedade” (QUIJANO, 2005, p.

118). Conforme apontado por Quijano, a classificação social da população mundial com base na ideia de raça permeia as dimensões fundamentais do poder mundial, como o eurocentrismo.

Esse eixo tem, portanto, origem e caráter colonial, mas provou ser mais duradouro e estável que o colonialismo em cuja matriz foi estabelecido. Implica, conseqüentemente, num elemento de colonialidade no padrão de poder hoje hegemônico. (QUIJANO, 2005, p. 117).

Para Joaze Bernardini-Costa e Ramón Grosfoguel, no texto **Decolonialidade e perspectiva negra**, esse padrão de poder não se restringiu ao controle do trabalho, mas envolveu também o controle do Estado e de suas instituições, bem como a produção do conhecimento. E, por ser central ao projeto político-acadêmico da decolonialidade, ele é o reconhecimento de múltiplas e heterogêneas diferenças coloniais, assim como as múltiplas e heterogêneas reações das populações e dos sujeitos subalternizados à colonialidade do poder.

Na década de 1960, essa diferença colonial nas fronteiras internas dos impérios foi conceituada por Pablo Gonzales Casanova de colonialismo interno em que sobretudo o eixo racial estabeleceu uma divisão de privilégios, de experiências e de oportunidades entre negros e brancos, populações indígenas e brancos, tal como exemplifica a história do Brasil. (BERNARDINO-COSTA; GROSFOGUEL, 2016, p. 20).

O resultado na história do poder colonial (entre Europa e não Europa) para Quijano teve duas implicações decisivas: uma é de que os povos foram despojados de suas próprias e singulares identidades históricas e outra, talvez menos óbvia, é de que a sua nova identidade racial, colonial e negativa, implicava despojar-se de seu lugar na história, da sua produção cultural e da sua humanidade.

De acordo com Aníbal Quijano, as classes sociais na América Latina têm “cor, ‘qualquer cor’ que se possa encontrar em qualquer país, em qualquer momento”, razão pela qual, segundo ele, a classificação das pessoas não se realiza somente num âmbito do poder, a economia, por exemplo, mas em todos e em cada um dos âmbitos. “Nos termos da questão nacional, só através desse processo de democratização da sociedade pode ser possível e finalmente exitosa a construção de um Estado-nação moderno, com todas as suas implicações, incluindo a cidadania e a representação política” (QUIJANO, 2005, p. 138).

Atualmente essas implicações continuam associadas a rótulos negativos, preconceituosos e estereotipados. Fernando Fernandes, Jailson de Souza e Silva e Jorge Barbosa relatam em artigo que, no Brasil, e mais especificamente na cidade do Rio de Janeiro, as representações sociais das favelas e de outros territórios populares foram fundamentais para manter grupos socialmente desiguais destituídos de representatividade nos direcionamentos do desenvolvimento urbano e nas políticas públicas abrangentes.

A desmoralização dos moradores de favela, tratados como “cidadãos de segunda classe” (ou “não cidadãos”),

conjuntamente com outros rótulos negativos, foram historicamente utilizados para reter, no território das favelas, os moradores em condições de desigualdade. (FERNANDES; SOUZA e SILVA; BARBOSA, 2019, não paginado).

Como evidencia Oliveira no artigo Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial, a exclusão não se dá apenas no nível de quem é ou não contratante, mas para além disto, para quem tem fala legitimada como racional, como produtora de conhecimento. “Em outras palavras, os saberes constituídos em vivências não eurocêtricas são deslegitimados, daí que as vozes dos seus sujeitos são desconsideradas dentro da arena da esfera pública.” (OLIVEIRA, 2020, p. 128).

Jornalismo antirracista: diversidade e pluralidade

No artigo, Oliveira que apresenta uma proposta conceitual de jornalismo como ação cultural emancipatória, Oliveira faz uma ponte da percepção da *cultura de silêncio*³ de Paulo Freire com a *colonialidade* do poder, de Aníbal Quijano. Ambas as ideias apontam que essa cultura tem origem no passado colonial, no qual o jornalismo da cultura do silêncio “atua na construção de um circuito restrito de fontes legitimadas pelos indicadores eurocêtricos e estabelece uma agenda pública a partir da percepção de um ‘atraso estrutural’ nas singularidades latino-americanas que legitima a prática.” (OLIVEIRA, 2020, p. 130).

ridades latino-americanas que legitima a prática.” (OLIVEIRA, 2020, p. 130).

A classificação social e universal da população desempenha um papel crucial como um “filtro de acesso” aos espaços de poder, incluindo a mídia. Segundo Oliveira, o jornalismo não contribui efetivamente para a cidadania e a democracia ao retratar a periferia como sinônimo de violência. Nesse contexto opressivo, Mara Rovida argumenta a necessidade de propostas alternativas que abordem o que não é adequadamente representado na produção mediática hegemônica, a fim de promover uma visão mais abrangente e justa das realidades periféricas. Diferentes fatores são estudados para apontar a construção de um jornalismo decolonial, antirracista. Um deles é a crise nos modelos de produção e consumo das mídias tradicionais, associadas à revolução tecnológica, que levou jornalistas a buscar alternativas para se adaptarem e se manterem ativos na profissão. Segundo Nonato, Camargo e Pachi Filho, os arranjos produtivos locais são algumas dessas alternativas de trabalho, com temas e conteúdos voltados para o território, a comunidade, os cidadãos locais, e envolvidos no processo de emancipação dos moradores e na construção de uma narrativa jornalística antirracista.

O jornalismo tem (ou deveria ter) compromisso com interesse público. Dennis de Oliveira, no livro *Iniciação aos Estudos de Jornalismo*, vai além e diz que em um país com tanta desigualdade, com o racismo estrutural que “estratifica posições sociais e acesso aos direitos por conta de raça e classe,

3 Na obra **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire** Oliveira defende que as ideias freirianas podem ser base para a construção de um novo tipo de jornalismo, não só nos seus conteúdos, mas principalmente pelo processo de construção de notícias. (OLIVEIRA, 2017)

o jornalismo por aqui ocorre em uma democracia incipiente, parcial que nunca chegou à periferia” (OLIVEIRA, 2020, p. 6).

John Thompson, no livro **A mídia e a modernidade**, diz que o significado da mensagem transmitida pela mídia não é estático e sim como “complexo e mutável”. E, nesse ponto, a mensagem pode ser entendida e apurada, no caso do jornalismo, diferentemente de acordo com o contexto social, histórico, econômico. Segundo o autor, é preciso adaptar a mensagem à nossa própria vida e aos contextos e circunstâncias vividos, os quais normalmente são bem diferentes daqueles em que a mensagem foi produzida. Há necessidade de construir uma narrativa que possibilite compreender esses contextos. É por isso que o papel do jornalismo é o de romper com essas barreiras.

Enio Moraes Júnior diz que a imprensa deve estimular a atuação dos indivíduos na vida pública e nas discussões democráticas a fim de participar do debate público compreendendo os assuntos e avaliando criticamente as notícias e cabe ao jornalismo civicamente responsável “o agendamento de temas ligados aos direitos humanos e a à democracia, em consonância com valores éticos da profissão”. Segundo ele, o jornalismo deve estar empenhado em apurar, veicular e aprofundar a informação, orientado pelo interesse público e construção da cidadania e, se interesses privados prevalecem sobre os cidadãos, “o jornalismo não cumpre seu papel e transforma-se em embuste”. (MORAES JÚNIOR, 2011, p. 53)

A linha editorial e ideológica dos meios de comunicação do país não representa a diversidade política, cultural, étnica e social brasileira. A construção da democracia depende da real consciência da cultura de direitos hu-

manos, ou seja, da formação de pessoas ativas e críticas, conscientes de seu papel social e político. E, nesse sentido, o acesso à informação de qualidade contribui de forma direta para a mudança de situação de quem a consome, ainda mais, no exercício da cidadania (TÓZO; FELIX; SILVA, 2019).

Iniciativas jornalísticas da e para as periferias

A busca por alternativas que possibilitem um jornalismo pautado pelo interesse social, que produza conteúdo para esses grupos, que as periferias (no plural, porque são múltiplas) estão no centro, demarcando o próprio território como símbolo de resistência e luta cotidianas.” (NONATO; PACHI FILHO; CAMARGO, 2020, p. 1) pode ser analisada a partir das iniciativas que fazem jornalismo da e para as periferias e pode ser constatada a partir de pesquisas, como o já citado Mapa do Jornalismo Local da Ênois.

A Ênois, Escola Laboratório Aberto de Jornalismo, que apoia o desenvolvimento de jovens que reflitam e produzam jornalismo diverso, fundada em 2009 no bairro do Capão Redondo na zona sul da capital paulista, produz conteúdo, formação e realiza pesquisas para mostrar os dados, quem são e quantos são os jornalistas que produzem jornalismo nas periferias.

Em 2018, a Ênois fez uma pesquisa para mapear o número de jornalistas negros atuantes, a partir de dados do Censo da Educação de 2016, coletados pelo Inep (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). Os dados mostravam que os negros (pretos e pardos) matriculados nos cursos de jornalismo do Brasil em 2016 somavam cerca de 40%.

No entanto, quando observávamos as redações, esse percentual caía para 20% de negros atuantes. De acordo com a investigação *Por que as redações são tão brancas?*, a proporção de brancos, que é de 60% na graduação, ultrapassa 70% nas redações, enquanto a de pretos e pardos cai para 20%. “Se o funil da diversidade já é estreito para entrar na faculdade, na redação apertada. [...] A falta de diversidade afeta a sociedade e a democracia, mas também pessoalmente os jornalistas”, diz a Ênois.

Cinco anos depois, o estudo do GEMAA mostrou que nos três maiores jornais do Brasil, os jornalistas atuantes são brancos (84%). Segundo o estudo, os lugares de fala representados em importantes meios de comunicação não somente servem à expressão de diferentes pontos de vista, mas induzem à criação de visões de mundo, facilitam ou sabotam a capacidade de reflexão crítica e estimulam a formação de gostos. Por isso, a questão central do estudo foi: qual é o perfil racial e de gênero das pessoas que escrevem nos principais jornais em circulação no país?

Esses estudos que mostram o perfil racial das redações hegemônicas são fundamentais para compreendermos o processo de construção do jornalismo periférico e de iniciativas – coletivos, escolas, agências que produzem jornalismo. A formação em jornalismo confere o repertório para atuação no mercado de trabalho nos moldes tradicionais, mas jovens periféricos, negros, que chegam às universidades, passam a ser afetados pelo discurso acadêmico que lhes permite refletir sobre sua condição, seu espaço e sua origem social. O conhecimento adquirido na faculdade de jornalismo é instrumentalizado em benefício da favela e faz com que eles passem

a entender como são representados na mídia e mudar a narrativa.

De acordo com Rovida, a ideia de que a periferia já tem sua voz, ou suas vozes, pode parecer simplória, mas está carregada de significado e resvala num debate epistemológico do fazer jornalístico.

Se as periferias guardam essa diversidade, parece que o trabalho dos jornalistas envolvidos nesse jornalismo periférico está em consonância com a necessidade de uma abordagem dialógica e plural, embora as linhas editoriais tragam um direcionamento mais específico do que o comumente aventado pela imprensa hegemônica. A suposta contradição na verdade revela que o olhar das periferias, embora específico e engajado com uma parcela do território urbano, é tão diverso quanto o universo mais amplo da própria urbes. (ROVIDA, 2018, p. 14).

Segundo os organizadores do *Mapa do Jornalismo Periférico: passado, presente e futuro*, produzido em 2019 pelo Fórum de Comunicação e Territórios de São Paulo, realizado pelos projetos Historiorama, Desenrola e Não Me Enrola, Preto Império e Periferia em Movimento, classificou pessoas, coletivos ou organizações sociais e culturais, sempre com recorte de território. Essa iniciativa precisava estar em alguma das periferias da cidade de São Paulo e atuar a partir dela,

[...] é preciso, também, considerar a tamanho e o histórico da região, engajada em lutas e articulada em redes, especialmente de cultura, há muitos anos, como outro fator que pode ter

contribuído para essa super-representação. Comunicação e cultura são dois elementos que, especialmente na zona sul, pela sua forte e efervescente cena, se mostra intimamente conectadas, as linguagens se perpassam, produzem outros sentidos. (MAPA DO JORNALISMO PERIFÉRICO).

Das iniciativas que responderam ao questionário do *Mapa do Jornalismo Periférico*, de 2019, vale destacar que a maioria delas tem de dois a cinco integrantes e que 80% não tinham a iniciativa como único trabalho. A maioria dos comunicadores tem o tempo dividido entre outras atividades, por isso o número é insuficiente para realizar tudo o que gostariam. Conciliar os projetos dos coletivos com as necessidades individuais, por exemplo, é um grande desafio.

Em relação ao formato de conteúdo produzido, as iniciativas produzem conteúdo *on-line*; impresso; nas redes sociais e também conteúdo audiovisual, radiofônico e outros conteúdos como cursos, cineclubes, rodas de conversa, exposições. 63% dos comunicadores que produzem conteúdo nos coletivos periféricos fizeram faculdade na área de comunicação; 62% estudaram com apoio de políticas públicas e 80,3% das iniciativas têm conteúdo autoral – com pautas sobre o território, a vivência periférica.

Já o *Mapa do Jornalismo Local*, produzido pelo Ênois, divulgado em 2023, realizou um levantamento de iniciativas de comunicação e listou veículos, comunicadores locais, projetos ou organizações para entender o perfil de gênero e raça/cor e identificou 470 iniciativas. Assim como o estudo de 2019, que é o mais atual, também aponta para as interseccionalidades – raça, gênero e território.

Na intersecção de raça e gênero, identificamos que há maior incidência de homens negros liderando iniciativas de comunicação: 40% (total de pretos e pardos), à frente de homens brancos (31%). A soma de mulheres pretas e pardas (15%) também é maior que o número de mulheres brancas (6%) na liderança. O cenário visto na imprensa tradicional, portanto, não se repete nas iniciativas locais mapeadas, como avalia o estudo da Reuters Institute for the Study of Journalism, que mostrou que, enquanto cerca de 57% dos brasileiros se declaram pretos e pardos, nenhum negro lidera os maiores jornais, portais e emissoras do país. (MAPA DO JORNALISMO LOCAL).

Este mapeamento revela a consolidação de um movimento importante de diversidade na cobertura local e hiperlocal em São Paulo e região Metropolitana. Para quem atua na área, não chega a ser novidade, mas é importante poder olhar, a partir dos dados, que o jornalismo nas regiões periféricas desses 39 municípios está sendo liderado, majoritariamente, por pessoas negras – ainda que homens em boa parte. (CONCLUSÃO. MAPA DO JORNALISMO LOCAL).

Do total de iniciativas mapeadas pela Ênois, 75,71% utilizam plataformas digitais, como perfis em redes sociais, sites e blogs, como segmento principal de atuação. Em seguida estão as iniciativas impressas (12,86%) e as rádios (por onda) (10,71%). Assim como o *Mapa de Jornalismo Periférico* de 2019, no Mapa de 2023 as equipes têm de 2 a 5 colaboradores (47%), seguidas

daquelas que atuam apenas com o próprio fundador/a, representando 21% do total. Mais de 70% dos respondentes afirmaram trabalhar com voluntariado, em especial nas iniciativas que estão na faixa entre 2 e 5 colaboradores, e 32,6% oferecem algum processo formativo para a comunidade onde atuam.

O *Mapa de Jornalismo Periférico e o Mapa de Jornalismo Local* são apenas umas das muitas iniciativas existentes que registram o trabalho realizado pelos projetos de jornalismo periférico. Há a Rede de Jornalistas das Periferias, o Mapa da Mídia Independente da Agência Pública – que mostra projetos independentes e periféricos –, e tantas outras propostas espalhadas em todo o país. Aqui, neste artigo, mostro cinco dessas iniciativas que se desenvolveram e buscaram alternativas para formar, informar, produzir pautas e conteúdos jornalísticos antirracistas da e para a periferia.

A escolha de apresentar um breve histórico desses cinco coletivos se justifica por tratarem de temas e conteúdos produzidos por jornalistas das periferias, pensados para o território, para os cidadãos periféricos, com assuntos de interesse público. Para Rovida, se as periferias guardam essa diversidade, “parece que o trabalho dos jornalistas envolvidos nesse jornalismo periférico está em consonância com a necessidade de uma abordagem dialógica e plural” (ROVIDA, 2018, p. 63). Assim, enquanto o jornalismo segue produzindo e reproduzindo rótulos negativos das periferias, o jornalismo produzido por jornalistas periféricos, nos coletivos, agências, escolas, apresentam uma possibilidade de uma prática jornalística decolonial e antirracista.

Agência Mural de Jornalismo das Periferias

A Agência Mural (<https://www.agenciamural.org.br/>) nasceu em 2010 e tem como objetivo “minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias”. Começou como um projeto multimídia que formava e treinava “correspondentes comunitários” – alunos de jornalismo, blogueiros, jovens com alguma experiência em jornalismo e outros interessados egressos de comunidades de periferia da cidade de São Paulo para produção de conteúdo jornalístico da e para a periferia. Hoje, conta com 80 correspondentes “muralistas” na cidade, distribuídos nas regiões norte, sul, leste, oeste e Grande São Paulo, sendo que 60,8% são pretos e pardos.

Desenrola E Não Me Enrola

Criado em 2013, o Desenrola E Não Me Enrola (<https://desenrolaenaomenrola.com.br/>) é um coletivo de comunicação engajado em “criar e ressignificar práticas e métodos de produção de conteúdo jornalístico, pesquisa e formação”, tendo como ponto de partida a produção de conhecimento nos diferentes contextos sociais que dão forma às periferias de São Paulo. Em 2017, o coletivo começou a estruturar um programa de produção de dados sobre a identidade cultural dos sujeitos e territórios periféricos da cidade de São Paulo – Info Território. Outro projeto é o Você Repórter da Periferia, que tem o objetivo de formar comunicadores populares engajados em divulgar as ações culturais da periferia de São Paulo, com oficinas teóricas e práticas de jornalismo, reconstruindo e ressignifican-

do olhares e narrativas sobre os territórios periféricos, utilizando ferramentas do jornalismo. O coletivo está localizado na zona sul da capital paulista.

Preto Império

A Preto Império (<https://www.pretoimpério.com/>) é um coletivo e uma empresa de impacto social com base na Vila Teresinha, distrito da Brasilândia, periferia da zona norte da cidade de São Paulo. O coletivo quer ser referência na discussão da pretitude articulada com a reflexão sobre raça, classe e gênero e suas complexidades, tais como branquitude e masculinidades; no desenvolvimento e fortalecimento da população negra e dos territórios periférico, e no fomento a modos de vida sustentáveis. De acordo com o coletivo, o olhar e a narrativa na periferia se tornam cada vez mais urgentes diante de uma realidade sempre estereotipada e negligenciada por veículos de mídia tradicionais.

Por isso, disputar a democratização de uma comunicação que fomenta a produção jornalística de dentro para dentro e de dentro para fora é fundamental. A comunicação é fundamental para a construção de sujeitos periféricos. Quando nos entendemos enquanto sujeitos dos territórios passamos a fazer parte ativamente dele, buscamos entendê-lo, criticá-lo e melhorá-lo. (PRETO IMPÉRIO).

Periferia em Movimento

Fundada em 2009 por jovens jornalistas moradores das periferias da Zona Sul de São

Paulo, o coletivo Periferia em Movimento (<https://periferiaemmovimento.com.br/>) tem como missão fazer um jornalismo sobre, para e a partir das periferias, em sua complexidade, para ocupar espaços que sempre foram negados e garantir o acesso a direitos. Produtora independente de Jornalismo de Quebrada, a Periferia em Movimento gera e distribui informação dos extremos ao centro e discute a cidade e o país produzindo conteúdo jornalístico “de dentro para dentro”, pautando a cidade a partir da visibilização de histórias de quem está nas frentes de luta pela garantia de direitos pela cultura, saúde, educação, mobilidade, moradia, participação política, preservação ambiental, trabalho e renda, com questões de gênero, sexualidade, raça e classe de forma transversas. Além de realizar articulação pela garantia de direitos a partir da discussão sobre Jornalismo, Periferias e Direitos Humanos, por meio de encontros de aprendizagem (palestras, oficinas, cursos, vivências), curadorias e consultorias

Énois laboratório de jornalismo

É um laboratório para impulsionar a diversidade, a representatividade e inclusão no jornalismo brasileiro. Foi fundada em 2009 com a Escola de Jornalismo (EJ), voltada ao público jovem e, em 2014, se tornou a primeira escola on-line de jornalismo no Brasil. A Énois (<https://enoisconteudo.com.br/>) já foi escola, agência e hoje é um laboratório de jornalismo, com sede no Bom Retiro, região central da capital paulista. Em cursos presenciais de jornalismo formou mais de 500 jovens da periferia e mais de 4 mil estudantes passaram pela escola on-line. Na agência, esses

jovens produziram mais de 80 reportagens, publicadas em veículos parceiros nacionais e internacionais.

Considerações

Com uma linha editorial que não representa a diversidade política, cultural, étnica e social brasileira, na prática, o jornalismo – influenciado por aspectos do mercado neoliberal – nem sempre consegue ou tem interesse em contribuir com a discussão de pautas antirracistas, decoloniais. Assim, o jornalismo periférico, que participa ativamente da construção de uma sociedade justa e democrática, além de construir espaços de desenvolvimento e inteligência, com pautas e conteúdo jornalístico que apontam as necessidades e a vivência da periferia, tem um papel transformador na construção de uma imprensa antirracista.

Segundo a Énois “sem diversidade na redação é difícil ter um produto diverso, que registra e questiona a realidade a partir

da visão da maioria da população”. Como ressaltou Dennis de Oliveira em *Jornalismo e Emancipação: Uma prática jornalística baseada em Paulo Freire*, as mudanças sociais, a diversidade étnico-racial, um jornalismo emancipador, que tenha o poder de alterar o modo como o mundo hoje se apresenta, de apontar pistas e caminhos de mudança, de resgatar a diversidade, esse é o papel do jornalismo como agente transformador, por meio de uma ação emancipadora.

Nessa lacuna pela representatividade, seguem os projetos periféricos de jornalismo, que investem em formação e informação para mostrar as potencialidades da periferia, seus projetos culturais, sociais e políticos, como a Agência Mural de Jornalismo das Periferias, Desenrola E Não Me Enrola, Preto Império, Periferia em Movimento e Énois, e se utilizam das mesmas técnicas e tecnologias, mas, principalmente, pautam assuntos e atendem às necessidades de um público que não se vê representado no noticiário da mídia hegemônica.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Jorge Luiz; DIAS, Caio Gonçalves (orgs.). **Solos Culturais**. Rio de Janeiro: Observatório de Favelas, 2013.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; GROSFUGUEL, Ramón. Decolonialidade e perspectiva negra. **Revista Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, jan-abr, 2016.

ÉNOIS. **Por que as redações são tão brancas?** Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/por-que-as-redacoes-sao-tao-brancas>. Acesso em: 31 mai 2023.

ÉNOIS. **Precisamos racializar o jornalismo**. Disponível em: <https://enoisconteudo.com.br/precisamos-racializar-o-jornalismo>. Acesso em: 31 mai 2023.

ÉNOIS. **MAPA DO JORNALISMO LOCAL**. Disponível em: <https://mapadojornalismo-local.enoisconteudo.com.br/sobre>. Acesso em: 31 mai 2023.

FERNANDES, Fernando; SOUZA e SILVA, Jailson de; BARBOSA, Jorge. O Paradigma da Potência e a Pedagogia da Convivência. **Revista Periferias**, 2019.

FÓRUM DE COMUNICAÇÃO E TERRITÓRIOS DE SÃO PAULO. **Mapa do Jornalismo periférico: passado, presente e futuro.** Disponível em: https://comunicacaoeterritorios.org/_files/ugd/fce3c8_5e94ce715b39442b80f0e0bd88b41378.pdf. Acesso em: 31 mai 2023.

MARCONDES Filho, Ciro. **A saga dos cães perdidos.** São Paulo: Hacker, 2001.

MORAES JÚNIOR, Enio. **O ensino do interesse público na formação de jornalistas: elementos para uma pedagogia de ensino.** São Paulo, 2011. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-23092011-185859/publico/ENIO_DO.pdf. Acesso em: 03 jun. 2023.

NONATO, Claudia; CAMARGO, Camila Acosta; PACCHI FILHO, Fernando Felício. **Periferia: um lugar para a identidade no discurso de jornalistas.** E-Compós, v. 23, 2020.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire.** Curitiba: Ed. Appris, 2017.

OLIVEIRA, Dennis. **Paulo Freire e uma prática jornalística emancipatória-decolonial.** Revista Olhares, v. 08, n. 02, ago, 2020. Disponível em <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/10783/7893>. Acesso em: 03 jun. 2023.

OLIVEIRA, Dennis. **Iniciação aos estudos de jornalismo.** São Paulo: Instituto Abya Yala, 2020.

QUIJANO, Aníbal. **Colonialidade de poder, eurocentrismo e América Latina.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf. Acesso em: 08 jul. 2022.

ROVIDA, Mara. **As periferias pelos periféricos – em busca de uma outra narrativa.** 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo, 2018.

ROVIDA, Mara. **As periferias pelos periféricos: um fenômeno jornalístico contemporâneo.** *Revista Extraprensa*, v. 12, n. 1, jul./dez., 2018.

THOMPSON, John. B. **A Mídia e modernidade.** Petrópolis: Vozes, 1998.

 Data do recebimento: 05/06/2023

Data do aceite: 03/07/2023

Dados das autoras

Edilaine Heleodoro Felix

Doutoranda e mestre em Comunicação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes Universidade de São Paulo (PPGCOM/ECA/USP), jornalista formada pela Universidade de Mogi das Cruzes. É docente do curso de Jornalismo da Universidade Cruzeiro do Sul. E-mail: efelix@usp.br.